

PRODUÇÃO DE VÍDEOS EM SALA DE AULA: UMA NOVA FORMA DE COMPOR TEXTOS.¹

Luciana Mello da Silva Mello²

Michele Kapp Trevisan³

RESUMO

O presente artigo mostra a importância da inclusão das novas tecnologias da comunicação, em especial o vídeo, nas aulas de língua portuguesa, visando a diversificação do trabalho com os gêneros textuais. O objetivo desta pesquisa é investigar o processo de criação de textos e sua transposição para outros gêneros, de forma intertextual, ou seja, através da criação de novos textos a partir de outros já existentes, como postulam dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). A metodologia utilizada consiste de uma revisão bibliográfica e aplicação de uma sequência didática composta pela criação e o estudo das crônicas, criação de roteiros e a transposição para o vídeo. A principal consideração alçada através deste estudo é de que a inclusão de novas metodologias, que utilizam diferentes mídias, nas aulas de língua portuguesa atrai os alunos a trabalhar e a pensar na linguagem como uma forma de expressão de suas idéias, trazendo-lhes autonomia e segurança na hora de produzir seus textos em um formato diferenciado do tradicional, como o vídeo, por exemplo.

ABSTRACT

This article shows the importance of the inclusion of the new technologies of communication, especially the video, in the Portuguese Language classes, aiming at the diversification of the work with textual genres. The aim of this research is to investigate the process of text production and its transfer into other genres, in an intertextual form, that is, through the production of new texts starting from others, previously written, such as the National Curricular Parameters (1998) recommend. The methodology used consists of a bibliographic review and the use of a didactic sequence, composed by the production and the study of chronicles, screenplay production and the transfer into the video. The main consideration achieved through this study is that the inclusion of new methodologies, which make use of different media, in the Portuguese Language classes, stimulate the students to work and think language as a way to express their ideas, what gives them autonomy and self-assurance when they produce their texts in a different way - such as the video, for example - that is different from the traditional ones.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros textuais; Vídeo; Língua Portuguesa; Parâmetros Curriculares Nacionais; Intertextualidade.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora Orientadora Doutora, Universidade Federal de Santa Maria.

INTRODUÇÃO

O grande desafio dos atuais educadores é motivar seus alunos para gerar neles uma aprendizagem significativa de seus conteúdos. Nas aulas de língua portuguesa, uma das soluções para diminuir o abismo existente entre a linguagem real usada no cotidiano das pessoas e a linguagem tradicional trancada nos livros e nas gramáticas é o uso dos gêneros textuais e da intertextualidade, que é a produção de textos em diferentes formatos. É uma maneira de valorizar os textos que surgem na sala de aula, é transformá-los em novos textos, ou seja, usar a intertextualidade e a ampla gama de gêneros textuais que se encontram a disposição dos alunos, por exemplo: a produção de uma crônica pode virar um roteiro e um roteiro virar um pequeno vídeo. Desta forma, trabalhar com gêneros textuais variados, incluindo as diferentes tecnologias da comunicação neste processo é um dos caminhos a ser percorrido na busca de uma nova forma de aprender e ensinar, especialmente nas aulas de língua portuguesa.

Para integrar a tecnologia⁴ na educação, a criatividade dos professores em desenvolver os seus conteúdos é fundamental na busca de novas formas de ensinar e aprender. Desta maneira, as escolas públicas são um terreno fértil para estimular este tipo de criatividade tanto por parte dos professores como dos alunos. O estudo da crônica, um gênero textual bastante utilizado em sala de aula, a criação deste tipo de texto, sua transposição para roteiros e a produção de pequenos vídeos caseiros com equipamentos amadores (como as câmeras fotográficas atuais, ou até celulares), a partir dos scripts, são experiências que englobam os saberes já adquiridos pelos alunos e os transformam em novos saberes.

Este tipo de experiência é bastante significativo e vem trazendo resultados expressivos não só na questão da aprendizagem, mas em relação ao envolvimento e a motivação dos alunos. Assim, foi proposta para a turma de 7ª série da Escola de Ensino Fundamental Euclides Pinto Ribas de Itaara-RS, uma seqüência didática (anexo 1) desenvolvendo-se atividades em sala de aula, que integrassem alguns fundamentos primordiais como a escrita, a intertextualidade e o uso das novas tecnologias⁵.

⁴ O termo “ tecnologia ” é usado neste texto para indicar os recursos didáticos existentes nas escolas em geral e que auxiliam a atividade docente, como: quadro-verde, giz, mimeógrafo, retroprojetor, televisão e videocassete ou aparelho de DVD, por exemplo.

⁵ O termo “ novas tecnologias ” é usado neste texto para indicar recursos didáticos que chegaram mais recentemente nas escolas, como: microcomputadores, impressoras, copiadoras, scanners , máquinas fotográficas digitais e data show, por exemplo.

1.OS GÊNEROS TEXTUAIS

Encontrar novas formas de trabalhar com o aluno de ensino fundamental é um desafio para os educadores nestas primeiras décadas do século XXI. Este desafio acontece em função das novas tecnologias às quais a maioria da população tem acesso, e a forma retrógrada que a maior parte das escolas públicas possui dentro do Brasil, onde que impera é o giz, o quadro-verde e o mimeografo. Sendo assim, promover uma educação que seja significativa e que acompanhe as demandas tecnológicas não é tarefa fácil para os atuais educadores da rede pública brasileira.

Em função dos avanços tecnológicos e da crescente necessidade de uma mudança na forma de ensinar às novas gerações que chegam à escola, o Ministério da Educação brasileiro lançou, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para todas as disciplinas do ensino fundamental. Os PCNs de língua portuguesa consistem em textos baseados na teoria interacionista que, desde a década de 80, estava sendo estudada no país. Segundo Porto (2009), estes textos concebem a linguagem enquanto interação entre os sujeitos e, desta forma, os textos com sua ampla variedade de gêneros passam a ser o centro e o foco das aulas de português.

A partir do marco da publicação dos PCNs, os gêneros textuais que, para Porto (2009, p.38), “são ‘modelos’ que circulam socialmente e que estabelecem formas próprias de organização do discurso”, passaram a ser o alvo principal das aulas de língua portuguesa, ou seja, a grande variedade destes gêneros que fazem parte do cotidiano e da realidade dos alunos passaram a fazer parte também do dia-a-dia das salas de aula de língua portuguesa. Neste sentido, pode-se dizer que os PCNs contribuíram para uma mudança de paradigma em relação ao ensino da língua portuguesa.

Conforme Costa (2000, p.73), “...os PCNs, em vários momentos apontam e estabelecem novas diretrizes”, o que significa dizer que a forma conservadora de ensino de língua portuguesa precisava ser repensada. Ainda segundo o autor (2000, p.67), os gêneros textuais quebraram “a concepção do ensino tradicional de língua materna de efeito normativo e conceitual” e a improdutividade desta visão normativa e conceitual na sala de aula vinha se mostrando muito grande, sendo crescente o desinteresse dos alunos pelas aulas de português. Desta forma, colocar a nomenclatura gramatical em segundo plano no ensino da língua portuguesa se fazia imprescindível.

Antunes (2009, p. 22) afirma que na descrição dos itens a serem trabalhados na escola, os PCNs não trazem “sequer nenhum dos itens tradicionais dos programas de

ensino de língua portuguesa”, ou seja, as aulas deixaram de ter a gramática normativa e suas regras como foco de estudo, também deixaram de ter os exercícios burocráticos de nomenclatura gramatical e de emprego de normas ortográficas. Este tipo de aula deu lugar aos textos, promovendo a emergência de uma nova concepção com o estudo dos gêneros textuais, como postulam os PCNs, ao mesmo tempo em que possibilitam aos professores de língua portuguesa em suas rotinas de sala de aula, uma forma de ensino mais próxima da realidade da língua em vigor no país.

Para Porto (2009, p.42), “cada situação de comunicação social exige uma forma específica de linguagem, por isso, falamos e escrevemos de formas diferentes dependendo de cada situação de interlocução”. Desta forma, trabalhar em sala de aula com uma ampla gama de gêneros textuais tais como: a crônica, o conto, os artigos de opinião e jornalísticos, as tirinhas e charges, as bulas de remédio, as receitas culinárias, os poemas, as cartas, os e-mails, as lendas e fábulas, as biografias e autobiografias fazem com que o interesse dos alunos nas aulas de língua portuguesa aumente. Segundo a autora, os gêneros textuais mais tradicionais, como a crônica passaram também a ganhar novas versões em sala de aula, fazendo com que os alunos experimentem diferentes possibilidades com a linguagem, através das novas tecnologias. Conforme a autora,

“...os gêneros que surgiram com as novas mídias criaram formas comunicativas próprias com uma certa mistura, que impede a visão dicotômica do passado: oralidade e escrita. A linguagem de novos gêneros está cada vez mais plástica, e observa-se a tendência de se usar gêneros prévios para objetivos novos (p.40).”

Para Napolitano (2008), a interação, a troca de opiniões e saberes é uma das mais importantes atividades escolares. Sendo assim, a inclusão de novas tecnologias de comunicação em sala de aula é imprescindível para motivar os alunos e fazer com que os mesmos tenham uma aprendizagem significativa de língua portuguesa. É necessário incentivá-los a buscar novos caminhos para as suas produções textuais. Da mesma forma, é importante, que os textos dos alunos possam ter visibilidade como em uma mostra escolar, um blog ou em uma atividade interdisciplinar, ou seja, atividade que agrega material produzido nas diferentes disciplinas escolares e a tecnologia está sendo a melhor aliada para isso. Conforme o autor (2008, p. 44) “os alunos, ao mesmo tempo que sentem um certo tédio em relação à escola, estão acomodados em seus procedimentos e estratégias tradicionais”. Isso significa que uma das melhores formas de desacomodar os alunos é trazendo as novas tecnologias da comunicação para dentro

da sala de aula, desafiando-os a produzir textos conservadores e a buscar gêneros textuais mais contemporâneos para sua adaptação.

2. A INTERTEXTUALIDADE

Um dos novos caminhos apontados nos PCNs, para as produções textuais é trabalhar a intertextualidade em sala de aula, ou seja, criar novos textos a partir de textos já existentes. Segundo Koch e Elias (2010a) é necessário

“em sala de aula, abordar a intertextualidade como conteúdo de ensino, a fim de que os alunos possam desenvolver maneiras de retomar textos em sua atividade de produção escrita com propósitos diversos (p.130).”

Para as autoras (2010a) quando um aluno produz um texto como uma crônica em outro formato como o roteiro, eles estão aplicando o conceito de intertextualidade em seus trabalhos e estão construindo mosaicos entre os gêneros textuais utilizados. Estes mosaicos segundo as autoras (2010a, p.125), ressaltam o “importante papel que assume o conhecimento textual do escritor advindo de suas práticas de leitura”, ou seja, os conhecimentos acumulados pelos alunos através da leitura dentro e fora da escola são de suma importância para seu desenvolvimento intelectual e a prática da intertextualidade.

Exercitar a intertextualidade na sala de aula é para Bortone e Martins (2008, p.11) a criação de um “diálogo constante entre textos” e que certamente irá levar os alunos “a desenvolver habilidades de oralidade, leitura e escrita.” Isso significa dizer que o trabalho com a intertextualidade nas aulas de língua portuguesa é uma atividade interativa e dinâmica, que possui em sua essência a leitura e a prática da escrita de diferentes gêneros textuais como foco e alvo da construção do conhecimento. Para as autoras (2008, p.99), se faz necessário neste processo que o professor “ofereça uma grande variedade de textos aos alunos e procure incentivá-los a discutir os diferentes pontos de vista acerca do mesmo tema.” Desta forma, o professor deve ser o responsável por trazer para o ambiente de sala de aula uma variedade de gêneros textuais acerca do mesmo assunto e conduzir seus alunos a refletirem sobre ele e a descobrirem as marcas de um texto dentro de outro texto, ou seja, praticar a intertextualidade.

Como a leitura é parte indissociável do processo de intertextualidade, Koch e Elias (2010b, p.96) sugerem que em sala de aula é essencial “reforçar a importância da noção de intertextualidade na atividade de leitura e construção de sentido”. O incentivo a leitura dentro e fora da escola e o trabalho com gêneros textuais diversificados em sala

de aula, fazem com que os alunos desenvolvam a capacidade de formar seu pensamento e de transmitir suas idéias de forma autônoma e organizada.

Em uma sociedade que está cada vez mais tecnológica, desenvolver as habilidades da leitura e da escrita em diferentes ambientes como os virtuais, por exemplo, é de extrema importância nas atividades ligadas a intertextualidade. Como ocorre com o próprio esquema mental do ser humano, o hipertexto, ou seja, vários textos ligados uns aos outros através de *links*, precisam estar presentes nas aulas de língua portuguesa. Quando descreve a leitura e a escrita na era digital, Ramal (2002) afirma que

“Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura (p. 84).”

Se a informação é o diferencial entre as pessoas neste século, a leitura e a escrita aliadas à tecnologia serão o alicerce para grandes transformações. Ramal (2002, p. 14) discute o fato de que “a cultura contemporânea questiona a educação” e que com isso, mudanças precisam ocorrer nos currículos escolares com a incorporação do trabalho com os diferentes gêneros textuais, a intertextualidade e a inclusão da tecnologia da informação e da comunicação como apontam os PCNs.

A tecnologia exige dos indivíduos que realizem e organizem de forma diferente as atividades que envolvam a leitura e a escrita. Por isso, é indispensável em sala de aula modernizar e ampliar a variedade de gêneros textuais a serem utilizados. É extrema a importância do trabalho com a intertextualidade, pois é a partir deste conteúdo que os alunos irão transmitir suas idéias, opiniões e informações. Assim sendo, trabalhar em sala de aula como ponto de partida com gêneros textuais considerados tradicionais como a crônica, o conto, o poema e as fábulas, por exemplo, cria o mosaico defendido por Koch e Elias (2010a) quando transformamos estes textos em novos textos a partir de gêneros textuais considerados mais modernos como o vídeo, o *e-mail*, os *chats*, os perfis de redes sociais e o *blog*. Estamos praticando a intertextualidade e ao mesmo tempo resgatando o interesse dos alunos pelas aulas de língua portuguesa, pois ao modernizar o ensino através dos gêneros textuais, sem dúvida o professor estará tornando suas aulas mais atrativas e mais interessando sob o olhar dos seus alunos.

Para Bortone e Martins (2008)

“É preciso levar nossos alunos a ler o mundo, o filme, a música, a notícia, o gráfico, o e-mail, o discurso político, as entrelinhas, a obra de arte...enfim, é fundamental que possamos ler todo e qualquer texto escrito, visual e auditivo (p.31).”

Assim sendo, incorporar a tecnologia e a produção de textos de forma intertextual, como os roteiros e vídeos produzidos pelos alunos nas atividades de sala de aula na disciplina língua portuguesa, será um grande avanço na mobilização para o trabalho com a linguagem.

3. O VIDEO EM SALA DE AULA

Muitos educadores estão recorrendo ao uso do vídeo em sala de aula, na urgência de libertarem-se dos velhos: quadro-verde, giz e mimeógrafo, pois a grande maioria das escolas públicas ainda possui estes equipamentos em uso corrente. As escolas que possuem equipamentos mais modernos tais como televisão e aparelho de DVD, usam estes equipamentos como meros reprodutores de filmes, sem dar a eles uma utilização diferenciada.

Moran (1995) afirma que “As crianças adoram fazer vídeos e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos”, como o vídeo possui uma linguagem dinâmica e contemporânea é preciso que os professores comecem a repensar suas práticas pedagógicas para incorporar esta tecnologia no seu dia-a-dia de sala de aula. Segundo o autor (1995), “A produção em vídeo tem uma dimensão moderna e lúdica”. Moderna em função de o vídeo possuir uma forma composta por muitas linguagens, ou seja, multilinguística de contar uma história por exemplo. E lúdica, em função da criança e do adolescente poderem interagir com o equipamento e até brincar com ele. Assim sendo, existem muitas maneiras dos professores criarem este incentivo. Nas aulas de língua portuguesa, o trabalho com os gêneros textuais e a intertextualidade é um caminho com diferentes possibilidades que precisa ser melhor explorado pelos educadores.

Segundo Vargas et al. (2007, p.2) “a produção de vídeos digitais pode ser utilizada como atividade de ensino e aprendizagem com vasto potencial educacional”, uma vez que devido sua natureza dinâmica e normalmente associada a questão do entretenimento, o uso do vídeo como fonte de ensino aprendizagem possui um caráter motivacional e envolvente muito grande. Desta forma, o vídeo gera um desafio ao aluno

e cria novas formas de transmitir o conteúdo que foi adquirido em sala de aula. Para o autor (2007), a produção de vídeos também ajuda a desenvolver o pensamento crítico do aluno, promove a expressão e a comunicação, favorece o trabalho interdisciplinar, integra diferentes capacidades e inteligências e valoriza o trabalho em grupo. Além de trabalhar conteúdos específicos selecionados pelo professor como a crônica e a transformação destas crônicas em roteiros e vídeos, por exemplo.

Conforme comenta Fernández (2009, p.55), “...para professores que estão sempre à procura de novas formas de motivar os alunos ao aprendizado, o vídeo pode ser de grande utilidade...”. Uma vez que o vídeo em sala de aula possibilita ao educador utilizar uma ampla gama de gêneros textuais que são mais próximos a realidade e ao cotidiano dos alunos. Ainda para o autor (2009, p. 59) o vídeo é uma “maneira multilinguística de aprender” e pode representar uma ótima oportunidade para os alunos compreenderem que existem diferentes formas de se mesclar a escrita com os recursos visuais oferecidos pelos vídeos na expressão de suas idéias.

Assim, a transposição de um gênero textual como a crônica para outro gênero como um roteiro de vídeo, é um exercício importante e necessário na inclusão da tecnologia na vida escolar. Além de desenvolver, conforme comenta Fernández (2009, p. 60), “vínculos entre aquilo que o aluno aprende na escola e o que vivencia fora dela”, ou seja, o aluno utiliza o seu conhecimento e sua vivência de mundo dentro da escola, criando novos significados para os saberes antigos. Estes novos saberes são adquiridos e transformados em novas experiências para serem utilizadas em qualquer local de interação social, segundo o mesmo autor (p.61), esta é a forma que “postulam os documentos oficiais, em especial os PCNs para o ensino fundamental.”

Moran (1995, p.2) afirma que “o vídeo é também escrita.” Pois em sua composição podem existir pequenos textos e legendas que aparecem na tela. Isso faz com que o processo de leitura seja maior através dos vídeos e que a atenção dos alunos seja redobrada na hora de assisti-los. O autor também afirma que o jovem atual lê, vendo, ou seja, o autor afirma em outras palavras que o uso do vídeo em sala de aula, pode ser uma nova forma de leitura e escrita nesta era de inclusão das novas tecnologias da comunicação na escola. Especialmente nas aulas de língua portuguesa, a transformação de textos escritos em vídeos é um excelente exercício intertextual, pois além de abranger os postulados dos PCNs em relação à utilização de múltiplos gêneros textuais, transforma a maneira do professor pensar, planejar e executar suas aulas.

Para Fernández (2009, p.58), a inclusão do vídeo no planejamento dos

educadores “diversifica os materiais de apoio” tornando as aulas de língua portuguesa, por exemplo, mais sedutoras, dinâmicas e próximas da realidade dos alunos. Além disso, para o mesmo autor, “O uso do vídeo em sala pode ainda incentivar a produção de outros materiais pelos próprios alunos, como forma de expressão” (p.57). Ao apontar diferentes possibilidades de trabalho na sala de aula, o professor resgata o interesse do aluno em suas aulas além de trazer para dentro da escola objetos que estão presentes no cotidiano deste aluno como as câmeras fotográficas digitais e o celular e que de forma geral, não são bem vistos dentro da escola.

Ao tratar os conteúdos de maneira inovadora e diferenciada, os professores de língua portuguesa estão conforme Rojo (2000, p. 35) incentivando “a adoção de organizações didáticas diferenciadas e alternativas” uma vez que “os PCNs de língua portuguesa agrupam os gêneros textuais em função de sua circulação social”. A preocupação dos PCNs em integrar a escola e a sociedade em diferentes instâncias, é visível em relação às aulas de língua portuguesa. Este é o caminho a ser trilhado pelos educadores para, através da linguagem estabelecer novas formas de ensinar conciliando o estudo dos gêneros textuais as novas tecnologias da comunicação

4. DA CRÔNICA PARA O VÍDEO – UMA PROPOSTA INTERTEXTUAL

Boas propostas didáticas são fundamentais para a tarefa de proporcionar uma aprendizagem significativa seja efetivada nas aulas de língua portuguesa. Uma constante revisão nas práticas pedagógicas dos docentes se faz fundamental para que isso ocorra. Além da revisão, se faz necessário também que os professores incluam na sua rotina em sala de aula as novas tecnologias da informação e comunicação.

As aulas de língua portuguesa são de maneira geral um campo fértil para a pesquisa e as experiências utilizando os gêneros textuais, a intertextualidade e a tecnologia, pois dentro do ensino da língua todo e qualquer conteúdo pode e deve ser agregado, ou seja, as aulas de língua portuguesa são amplamente plurais, interdisciplinares, uma vez que segundo as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a nomenclatura gramatical e as normas ortográficas precisam ser acessórias e não o foco destas aulas.

Ao pensar por um novo prisma as aulas de língua portuguesa, os educadores estão encontrando muitos caminhos para um fazer pedagógico diferenciado. Usar os gêneros textuais mais tradicionais em sala de aula como a crônica e a partir dela criar e recriar textos com a roupagem de novos gêneros é uma experiência que vem a cada dia

mais se revelando positiva. Com objetivos claros e metodologia diferenciada, os professores estão conquistando a atenção de seus alunos e fazendo com que estes sejam mais produtivos e autônomos em sala de aula.

Este artigo surgiu a partir da revisão de algumas sequências didáticas criadas para o curso de especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, que foram reescritas e reelaboradas (anexo 1). Assim sendo, foram necessárias aproximadamente cinco semanas de aula para que este trabalho se desenvolvesse por completo.

Na primeira semana letiva, o trabalho girou em torno do gênero textual crônica: foi estudado seu conceito, diferentes tipos e elementos fundamentais. Na segunda semana de aula, o trabalho girou em torno da escrita individual das crônicas pelos alunos e da introdução do gênero textual roteiro. Na terceira semana letiva, os alunos trabalharam em grupos na escolha e na reescrita coletiva da crônica escolhida e na criação dos roteiros. Na quarta semana de aula, os alunos trabalharam na captação das cenas descritas no roteiro e no laboratório de informática da escola, iniciaram o processo de organização das imagens capturadas. Na quinta e última semana letiva, os trabalhos foram finalizados, entregues para a professora e uma mostra dos vídeos foi organizada para que os próprios alunos avaliassem seu trabalho.

Na avaliação dos alunos, alguns trabalhos deram certo e outros errados. Mas isso não significou necessariamente um problema. Na avaliação da docente, o objetivo principal do trabalho desenvolvido ao longo das cinco semanas de aula era criação de uma crônica e a transposição deste gênero para outros dois: um roteiro e um vídeo. E este objetivo foi plenamente alcançado. O trabalho de escrita individual, de reescrita coletiva, da solução e organização de idéias nos roteiros e a busca de soluções para dificuldades como a captação de um som audível pelas câmeras fotográficas digitais, foram barreiras e desafios tratados dentro dos grupos. Muito além de um mero certo ou errado, este tipo de atividade que agrega os gêneros textuais, a intertextualidade e a tecnologia, acrescenta também valores humanos e sociais ao trabalho dentro da sala de aula de língua portuguesa e isso é um resultado extremamente positivo nos dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de língua portuguesa são dentro de uma escola as aulas mais plurais possíveis, pois abraçam e abrangem as mais diferentes metodologias para transformar seu conteúdo em aprendizagem significativa. Neste caminho, a inclusão das novas

tecnologias da comunicação aliadas ao estudo dos gêneros textuais e a intertextualidade fazem um intercâmbio entre os saberes existentes e os novos a serem processados pelos alunos.

Desta forma, integrar a tecnologia e usá-la como aliada nas aulas de língua portuguesa é uma experiência bastante positiva, pois atrai os alunos e compromete-os a usar a linguagem como fonte de expressão de suas idéias. Ao transformar seus próprios textos em vídeos, os alunos aprendem não só o conteúdo proposto pelo professor, eles aprendem também, a ser mais autônomos e ousados na hora de produzir diferentes tipos de textos. Além disso, a aprendizagem formal de gêneros textuais mais próximos e em circulação na vida cotidiana, elabora o pensamento dos alunos e enriquece suas produções futuras.

Sendo assim, ao buscar nas novas tecnologias um caminho diferente para ensinar a produção de textos, o professor está adequando e agregando as suas aulas um dos postulados mais básicos dos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa que sugere a adoção e a organização de sequências didáticas diferenciadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editora, 2009. 8ª edição.

BORTONE, Marcia Elizabeth; MARTINS, Cátia Regina B. **A construção da leitura e da escrita: do 6º ao 9º ano do ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto, 5. A construção de “títulos” em gêneros diversos: um processo polifônico e plurissêmico. In: ROJO, Roxane(ORG.). **A prática de linguagem na sala de aula. Praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

FERNÁNDEZ, Gretel Eres (COORD.). **Publicidade e propaganda: o vídeo nas aulas de língua estrangeira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2010a.

_____ **Ler e compreender. Os sentidos do texto.** São Paulo: Editora Contexto, 2010b.

MORAN, José M. **O vídeo na sala de aula.** Comunicação & Educação, São Paulo, p. 27-35, abril/1995. Disponível em:< <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 18 de março de 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre gêneros textuais.** Curitiba: Aymarã Edições e Tecnologia Ltda, 2009.

RAMAL, Andrea C. **Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2002.

ROJO, Roxane, 1. Os PCNs, as práticas de linguagem (dentro e fora da sala de aula) e a formação de professores. In: ROJO, Roxane(ORG.). **A prática de linguagem na sala de aula. Praticando os PCNs.** São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

VARGAS, Ariel; ROCHA Heloísa V.; FREIRE, Fernanda Maria P. **Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional.** Novas Tecnologias na Educação, CINTED-UFRGS, V.5, Nº 2, Dezembro de 2007. Disponível em:< <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/1bAriel.pdf>> Acesso em: 11 de setembro de 2011.

Anexo 1

Sequência didática: Da crônica para o vídeo – uma proposta intertextual.

Conteúdo: Língua Portuguesa

Público-alvo: alunos da 7ª série da E.M.E.F. Euclides Pinto Ribas de Itaara-RS

Objetivo geral: Investigar o processo de produção e a criação de vídeos caseiros pelos alunos a partir de crônicas escritas por eles próprios.

Objetivos específicos:

- 1- Analisar a transformação e a transposição dos gêneros textuais propostos: da crônica para o roteiro.
- 2- Observar a criação e a produção dos roteiros para os vídeos.
- 3- Analisar a se há fidelidade de idéias entre os textos originais e os vídeos produzidos.

Tempo estimado: 20 horas-aula⁶

Recursos necessários: Data-show, computador, câmera fotográfica digital e software de edição de vídeo e gravação de DVD, CD de crônicas da Olimpíada de Língua Portuguesa e aparelho de CD.

Programas utilizados: Power Point, Cyberlink Power Director, DivX Plus Converter.

Metodologia:

1ª e 2ª horas-aula – Investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero textual crônica através da pergunta: Você sabe o que é uma crônica?

Através de uma apresentação de slides, convidar os alunos a conhecerem o gênero textual crônica: seu conceito, seus tipos e seus elementos fundamentais.

3ª hora-aula – Apresentar para leitura silenciosa dos alunos o texto de Moacyr Scliar, “Não mentirás”. Logo após a leitura em voz alta do texto feita pela professora, passar exercícios de interpretação e de reconhecimento dos elementos fundamentais de uma crônica.

4ª hora-aula – Apresentar para leitura silenciosa dos alunos a notícia publicada no jornal Folha de São Paulo com o título: “Grupo rouba 3 caixas eletrônicos, mas consegue carregar apenas 2”. Logo após a leitura em voz alta feita pela professora do texto, passar exercícios comparativos entre os dois textos (aula 3 e 4) e conduzir através de exercícios que as crônicas nascem de situações cotidianas.

⁶ Uma hora-aula equivale a 45 minutos. Semanalmente o professor de língua portuguesa na E.M.E.F. Euclides Pinto Ribas possui quatro horas-aula. Hora-aula também é neste caso sinônimo de período.

5ª e 6ª horas-aula – Solicitar que os alunos façam o planejamento por escrito de uma crônica, onde deverão contar: foco narrativo, personagens, tom, enredo, espaço, tempo e desfecho. Após a entrega do planejamento, solicitar que os alunos componham sua crônica e entreguem o planejamento e seu texto para serem avaliados.

7ª hora-aula – Através de material mimeografado, explicar aos alunos o que é um roteiro e como fazê-lo. Apresentar para os alunos, o texto “Cobrança” de Moacyr Scliar. Colocar o CD da olimpíada de língua portuguesa, para que os alunos ouçam o texto.

8ª hora-aula – Retomar a aula anterior, colocando novamente o CD para audição dos alunos do texto “Cobrança”. Como exercício, transformar este texto em um roteiro.

9ª e 10ª horas-aula - Devolver as crônicas já avaliadas dos alunos, ressaltar os pontos positivos e negativos do trabalho e solicitar algumas correções ortográficas. Dividir os alunos em grupos de cinco (totalizando quatro grupos) e solicitar que cada grupo escolha uma das crônicas escrita por um dos integrantes para esta crônica virar um roteiro. Definir o tempo mínimo e máximo para o vídeo.

11ª hora-aula – Em grupo, trabalhar na confecção dos roteiros.

12ª hora-aula – Em grupo, concluir e entregar para a avaliação os roteiros concluídos. Solicitar que os alunos tragam para as próximas aulas o figurino necessário para a execução dos roteiros.

13ª e 14ª horas-aula – Execução e gravação com suas próprias câmeras fotográficas digitais, do roteiro escrito pelo grupo.

15ª hora-aula – No laboratório de informática da escola, ensinar como usar o programa de edição de vídeo. Cada grupo trabalhará com a suas imagens.

16ª hora-aula - No laboratório de informática da escola, finalizar o trabalho com as imagens capturadas pela câmera fotográfica digital.

17ª e 18ª horas-aula - No laboratório de informática da escola, assessorar os alunos com dificuldade na finalização do trabalho com as imagens capturadas pela máquina fotográfica e ensinar como usar o programa para gravar um DVD. Os grupos deverão nesta aula, finalizar a atividade para entrega das mídias para a professora. Definir a ordem de apresentação da “mostra de vídeos da turma”.

19ª hora-aula – Na sala de vídeo, realizar a “Mostra de vídeos da turma”.

20ª hora-aula – Rer ler os textos originais dos alunos e pedir que individualmente, os alunos avaliem se os vídeos apresentados estão fiéis aos textos iniciais.